

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 213
Data: 28.04.81 Pg.: _____

Os uaimiri-atroari já aceitam o branco

Os uaimiri-atroari nem parecem mais aqueles índios que ganharam fama de ferozes e até mesmo de canibais. Quando, em novembro de 1968, trucidaram a expedição de sete homens e uma mulher, chefiada pelo padre João Calleri, que tentava sua atração para que permitissem a passagem de uma estrada (hoje a consolidada BR-174, Manaus — Caracaras) cortando sua reserva de 2,3 milhões de hectares na divisa do Estado do Amazonas

com o território federal de Roraima. Seu maior desejo, agora, parece ser o de estabelecer convivência com os civilizados, a quem já confiam suas mulheres e crianças, tanto que construíram algumas malocas a pouco mais de 600 metros da estrada. Aos poucos, a Funai começa a conhecer alguns segredos, costumes e hábitos desses índios até então hostis aos brancos. No primeiro contato, tem-se a impressão de serem dóceis, amigáveis e

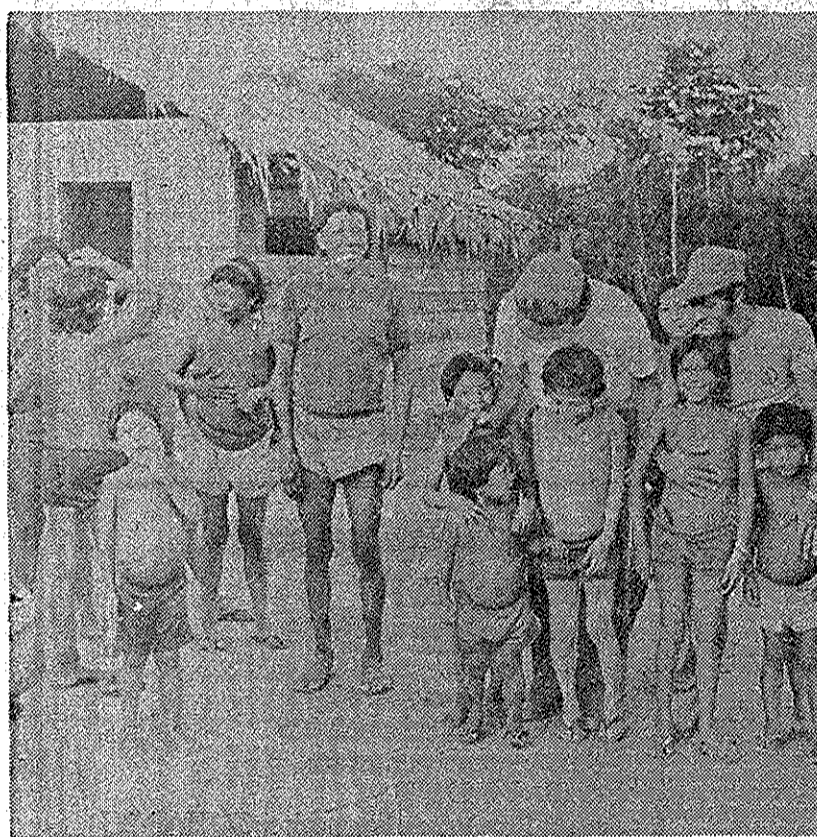
inteligentes. O branco já não é mais o grande entrave à integração. Alguns dos seus hábitos chegam a indicar que convivem com os brancos há muito mais tempo, e há índios fortes de que possam existir brancos entre eles. Os relatos de mateiros e sobreviventes dos massacres que praticaram ao longo dos últimos 40 anos revelam que eles teriam sido induzidos por brancos a se tornarem hostis e arredios à construção da BR-174. Tão hos-

tis que não perdoaram e mataram o sertanista Gilberto Pinto, a quem chamavam carinhosamente de "Pai Gilberto". O grande problema para sua integração à civilização parece agora, ser a construção da hidrelétrica de Balbina, no rio Uatuma. O lago artificial que se formará com o represamento do Uatuma deverá inundar boa parte da reserva indígena, e isso poderá provocar nova revolta contra

os brancos mas hoje eles parecem ter esquecido os períodos constantes conflitos armados, de mortes, e começam a deixar de lado a fabricação de lanças de ferro para fazer flechas de madeira, como tantas outras tribos indígenas da Amazônia. Os seus parcelos de festas religiosas, os uai-uai de Roraima é que têm criado problemas para a unidade da Nação: os uai-uai, induzidos pelos missionários da

Missão Evangélica da Amazônia (Meva) tentam catequizar os uaimiri, que reagem. Afinal, eles rezam pouco, "e querem trabalhar, se integrar", diz o sertanista Giuseppe Cravero, chefe do núcleo de apoio da Funai na área. "Mas não aceitam que lhes seja imposto qualquer tipo de religião ou hábitos. Os problemas que temos hoje não são criados pelos uaimiri-atroari, são de ordem externa".

Texto e fotos de MANOEL LIMA enviado especial



Aru-Tatu, o "índio branco" de 9 anos no meio de um grupo de uaimiri-atroari, é símbolo da integração dessa tribo com a civilização na Amazônia

A espera paciente no posto da Funai

Esperar pacientemente a visita dos índios nos postos de atração, instalados ao longo da rodovia e nas margens dos rios Abonari e Alalaú, que cortam a reserva é a nova tática adotada pela Funai depois da morte do sertanista Gilberto Pinto, em 1974. Essa mudança acabou com as invasões que a Fundação fazia às malocas indígenas, na tentativa de apressar o contato. "Não temos mais pressa em atrair o índio nem forçar a sua integração. Eles terão de vir espontaneamente, como estão fazendo. A Funai cabe demonstrar atenção e facilitar o diálogo com eles" — explica o sertanista Giuseppe Cravero, que dirige o núcleo de apoio uaimiri-atroari-nava desde 1977. Divididos em dois grupos e habitando regiões diferentes dentro da reserva, os Uaimiri, no vale do Camanau-Abonari, e Atroari no vale do Alalaú, depois de um longo período escondidos na mata, começaram a surgir em diferentes pontos da estrada há cerca de três anos. Hoje, com seus principais líderes jovens falando algumas palavras em português, os índios construíram várias malocas próximas ao eixo da estrada e dos postos de atração, e prometem construir outras para trazer suas tribos que ainda vivem no interior. No Abonari, onde mataram o sertanista Gilberto Pinto, o grupo de 45 indígenas é comandado por Raimundo, um índio de pouco mais de 20 anos. É ele quem conversa com o sertanista Osmar Silva, chefe do posto de atração, embora insista em dizer que o grande chefe é Júlio (Araticano, no dialeto indígena), apontando sempre para um índio velho, aquebrado, de poucas palavras e ações. Na maloca do rio Taquari, o grupo de 42 índios é comandado por Tomaz e por Pedrosa — dois índios muito jovens, mas com muita força entre o grupo. Val, um velho índio,

aparentemente doente e sem muita força física, é o grande chefe. No posto de atração "Terraplenagem", no km 235 da estrada, os 77 índios que construíram uma grande maloca são comandados por Viana, que não tem mais de 19 anos, substituído de Comprido, o Tuchau Atroari, que comandou o massacre em 1974 e que teria morrido em 1978; Viana, falando razoavelmente o português, é quem decide pelo grupo e discute com os sertanistas da Funai. Mas é sempre orientado por Nenen e Chico, dois índios já velhos e muito doentes. Com Viana, há também os seus irmãos Mário e Elza. Esse fato de as malocas próximas da estrada serem dirigidas ou comandadas por indígenas jovens leva a muitas interpretações e especulações. Para Giuseppe Cravero, "é possível que os jovens estejam sendo colocados sob teste de sua capacidade de liderança no contato com os brancos, ou possam ser um grupo arredio. Mas, se não houver nenhum problema nesse contato, é possível que os velhos comecem a aparecer nas malocas novas". Só agora a Funai teve certeza da morte de Comprido e do lendário Maroaga, que por muitos anos comandou os uaimiri do vale do Camanau — Abonari. Na verdade, os índios só começaram a aparecer novamente na estrada na época em que correu a notícia da morte de Comprido e de Maroaga. O que a Funai não sabe explicar é se esses índios jovens, comandados por Raimundo no Abonari, e por Viana no Alalaú, representam a vontade da maioria dos quase 1.200 indígenas que se supõe integrarem a grande nação uaimiri-atroari. É possível que sim. Como é possível que sejam apenas um grupo rebelde, descontente com as lideranças tribais remanescentes do período de Maroaga e Comprido.

Assimilando costumes da civilização

Suas táticas de guerra, a habilidade na fabricação de lanças de ferro, feitas dos terçados, facões e machados que recebiam da Funai; alguns costumes muito parecidos com os dos civilizados; os nomes que adotam quando nascem e significativos traços brancos entre o grupo, não deixam dúvidas de que a Nação uaimiri-atroari se misturou ao longo dos anos no contato com o branco. Um exemplo é o índio Aru-Tatu, de cerca de nove anos de idade, da maloca do rio Taquari. É um índio de feições brancas, rosto rosado, cabelos castanhos claros e ondulados, olhos claros e sardento, mais parecendo uma criança civilizada. Entre os demais índios sobressai-se não tanto por sua aparência física, mas pelo cuidado com que os mais velhos dispensam à sua proteção. O chefe Uai aponta para o indolento explicando que Aru-Tatu é seu filho e faz questão de reinar o seu clã, composto de duas mulheres e oito filhos, incluindo Tatu, para as fotografias. Para a Funai, isso é um forte indício de que podem existir brancos entre os uaimiri-atroari. Os sertanistas acham que a nação indígena se misturou; pois convivem com o branco há mais de 100 anos, quando habitavam as terras da região a 90 quilômetros de Manaus. E há mais de 50 anos eles mantêm o comércio de troca com regatos, balateiros e extratores de madeira e castanha que cruzam o vale do Camanau.

Segundo os arquivos da Funai, eles foram influenciados por brancos para praticarem todos os massacres a partir da expedição do padre Calleri em 68. Meses atrás, esteve na área uma jornalista de uma revista nacional, de cabelos loiros. Quando os uaimiri a viram, disseram para os sertanistas que uma "Maria" — nome que dão às mulheres — de sua maloca tinha os cabelos parecidos com os da jornalista. Uma mulher que mora no Rio Grande do Sul, que o 6º BEC não diz quem é manda cartas para o comandante do Batalhão insistindo em querer saber do paradeiro de sua filha, que teria sofrido um acidente de avião e caído nas matas do rio Alalaú juntamente com uma filha recém-nascida. Na maloca do posto da terraplenagem, existem alguns índios com feições claras e cabelos castanhos ondulados. É o caso do próprio Viana, substituído do cacique Comprido. Viana é um tipo esbelto, alto e forte, olhos pretos, pelos coridos, o mesmo ocorrendo com seu irmão Mário Ferrero. Já Elza, o irmão mais velho, tem todas as características físicas da maioria indígena. Vários outros índios da presença de brancos entre os uaimiri-atroari são levantados pela Funai, que preferem não evidenciá-los até que seja possível uma constatação positiva. Por enquanto, apenas antropólogos e sertanistas especulam essa convivência inter-racial com base em alguns fatos. Todos os

nomes — ou quase todos — de jovens líderes indígenas são civilizados. É o caso de Viana, cujo sobrenome é Evandrea. Contam antigos mateiros da região que anos atrás um peruano, chamado Evandrea, percorria a área trazendo suas mercadorias por produtos extrativos com os índios. Evandrea teria sido um grande defensor dos índios em vários atritos e, por causa de sua intimidade, teria casado com uma "Maria". Daí o sobrenome usado por Viana. Um sertanista da Funai, examinando a perfeição das lanças de ferro feitas de um bisturi, percebeu a legenda "Made in London". Quem deu a eles esse bisturi? São segredos que os índios guardam e que só serão descobertos quando a Funai obtiver confiança para penetrar e conhecer a fundo seus costumes, hábitos e tradições. Nos massacres que praticaram contra os brancos nos últimos 40 anos, os uaimiri-atroari demonstraram sua inteligência e astúcia nas táticas de guerra. Sempre que chegavam aos postos de atração do antigo SPI e agora da Funai, para atacar e notavam que os brancos eram numericamente mais fortes, os uaimiri-atroari procuravam dividir o grupo de brancos. Foi assim em quase todos os massacres, principalmente no que eles praticaram no dia 17 de janeiro de 1973, quando mataram três funcionários da Funai.

Estavam no posto de atração seis funcionários quando chegaram dez índios armados de flechas e bordunas. Pressentindo que teoricamente eram inferiores, principalmente pela fragilidade de suas armas contra as seis espingardas que os mateiros possuíam no posto, os índios separaram o grupo. Três deles convidaram para caçar, acompanhados por dois índios. No posto ficaram três contra oito índios. Não foi difícil para os uaimiri-atroari matar Ernesto Nascimento Aguiar, Rafael Fonseca Padilha e Altamiro Cardoso de Aguiar. A partir daí, a Funai instruiu seus funcionários para que não aceitassem nenhum convite dos índios para caçar ou pescar. No massacre de dezembro de 74, que resultou na morte de Gilberto Pinto, ele esperava que os índios atacassem o posto na tarde do dia anterior, e o ataque acabou ocorrendo na madrugada seguinte, quando pareciam estar tranquilos e sem ressentimentos contra os brancos. Gilberto Pinto morreu quando ia acender o fogo de lenha na casa de farinha, para preparar o café. Nas ações armadas contra os brancos, os uaimiri-atroari deixaram sempre — propositalmente ou não — um sobrevivente. Segundo o sertanista Giuseppe Cravero, essa tática é uma prova de que os índios "queriam mandar um recado aos civilizados. Porque eles poderiam matar a todos e ninguém saberia depois os detalhes dos massacres".

Roupa, alimentação — as mudanças

Na entrada da reserva uaimiri-atroari há um monumento — uma grande pedra — onde estão inscritos os nomes dos funcionários da Funai que morreram "no cumprimento do dever", e cujo trabalho, diz a legenda da placa, "não foi em vão". O sertanista Giuseppe Cravero, um tanto incrédulo pergunta: "Por que não se colocou também o número, pelo menos aproximado, de índios que morreram para que a estrada cortasse sua reserva?". quase pacificados, os uaimiri-atroari aparentemente já não constitui em obstáculo à sua integração. Muitos hábitos dos civilizados eles já absorveram. Aos poucos estão deixando de usar suas tangas, trocando-as por calções, vestidos e saias que a Funai lhes oferece. Algumas índias ainda expõem seus seios, mas aos poucos vão-se molhando aos trajes civilizados. Usam sandálias havaianas, que não tiram dos pés em quando vão dormir e adoram co-

mer feijão e arroz, dois cereais que desconheciam. A preocupação da Funai é encontrar alternativas para propiciar aos índios uma boa alimentação, baseada nas culturas agrícolas que eles cultivam ainda de forma rudimentar. Vários projetos agrícolas estão sendo incrementados nas terras próximas às malocas. Com a caça rarefeita e o pescado encontrado apenas na época da vazante dos rios, os índios não têm com o que se alimentar, obrigando a Funai a fornecer alimentos para a tribo. "Precisamos não só dar trabalho ao índio, mas fazer com que ele procure formas práticas e racionais, de se alimentar" — prevê Giuseppe Cravero, lembrando que os índios, "embora trabalhadores por natureza, não foram preparados convenientemente para viver uma outra realidade". Mesmo assim, eles conhecem algumas frutas que não cultivavam, e plan-

tam em suas roças produtos que desconheciam como caju, maracujá, abacate, feijão e outros em expressivas quantidades. Estão criando aves, porcos, carneiros e ovelhas e, para os próximos meses, a Funai espera levar ao posto de atração do rio Alalaú algumas cabeças para incrementar também a pecuária. HIDRELÉTRICA, O PERIGO Atraídos e até convencidos da necessidade da estrada, principalmente para facilitar seus longos deslocamentos de uma maloca para outra, os uaimiri-atroari vão enfrentar um novo obstáculo, que certamente poderá entrar a integração, fazendo renascer novos ressentimentos e hostilidades contra os brancos. Trata-se da construção da hidrelétrica de Balbina, no Rio Uatuma, onde o rio Alalaú desemboca, e cujo lago artificial deverá inundar boa parte da reserva indígena. Embora não habitem as terras a serem inundadas,

aquele é o local onde eles recolhem os alimentos — caça, pesca e frutos silvestres. A Funai ainda não começou o trabalho de preparação dos índios para receberem esse novo impacto, que se concretizará a partir de 1986, quando a hidrelétrica abrir suas comportas, na primeira etapa de funcionamento. O desconhecimento do dialeto e o fato de os índios não estarem totalmente atraídos são dificuldades que a Funai está enfrentando para começar a convencer os uaimiri-atroari da necessidade da usina. "Não podemos subestimar a inteligência desses índios — diz o sertanista Giuseppe Cravero. Por isso, é preciso começar logo a preparação do espírito indígena para o pior, antes que eles percebam o perigo que correm e voltem ao passado dos massacres". Cravero é de opinião de que não se deve "forçar as coisas. Precisamos vê-las com realismo e cedendo também à vontade deles".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 213

Data: 28.04.81 Pg.: _____

Uaimiri, agora vivendo em paz

Os índios ~~uaimiri-atroari~~ estão perdendo a fama de ferozes e, até, canibais que tinham desde 1968, quando mataram sete homens e uma mulher da expedição do padre Calleri, e, mais recentemente, o sertanista Gilberto Pinto: já convivem com os civilizados há muito tempo, na Amazônia, e são fortes os indícios de que existem brancos entre eles. Mas essa aproximação se defronta agora com um problema: a construção da hidrelétrica de Balbina, no rio Uatuma, que inundará boa parte da reserva, podendo provocar nova revolta com os brancos.